

MEMÓRIAS POPULARES DE NEGRO ESCRAVO: ESTUDOS EM NARRATIVAS DE ADEMAR VIDAL

Maria Nilza Barbosa Rosa¹

Este ensaio é uma prática analítica de *Três séculos de escravidão na Paraíba*, obra de Ademar Vidal. Apesar de ter sido escrito nas primeiras décadas do século vinte, o texto não perdeu sua força informativa sobre a importância do escravo na formação cultural brasileira. Muitos autores já escreveram sobre a escravidão, sobre a perversidade e os desmandos dos senhores, bem como sobre a condição subumana dos escravos, no entanto, recuperar a obra de Ademar Vidal significa compreender como a memória de fatos históricos se fez construção literária.

Os caminhos analíticos previstos têm sua formulação nas memórias populares e se estruturam a partir do reconto folclórico. A utilização da historiografia e da memória popular pelo Autor para embasar a feitura de uma obra que repele a força do colonialismo e a expõe a ideologia dos senhores pode significar o esforço de mergulhar nas marcas do tempo para extrair as relações, os contrastes e as diferentes temporalidades que mantêm essa memória. Portanto, *Três séculos de escravidão na Paraíba* reúne acontecimentos e personagens humanas em um jogo mimético articulado entre o mandonismo e a submissão, entre a força e a impotência, fazendo de sua representação uma herança importante de definição e expectativas marcadas pela tradição.

Em novembro de 1934, participando do Primeiro Congresso Afro-brasileiro do Recife, resumia Ademar Vidal certas passagens dos trezentos anos de escravidão na Paraíba. Chamando a atenção para o sentido social mais profundo dos acontecimentos para valores de tradição, o escritor paraibano projeta a imagem de um mundo mais humano, fundado na concepção do bem comum, e destaca que “há mais de dez mil anos o homem é o escravo do homem. As revoluções se sucediam abrandando a condição do oprimido, controlando os direitos do Senhor. Mas a escravidão prosseguia inatingível” (VIDAL, 1934: 146).

Com *Três séculos de escravidão na Paraíba*, Ademar Vidal abre espaço para a discussão das memórias populares de onde extrairá uma grande variedade de fenômenos, ensaiando um mapa do universo social do negro escravo donde são recortados os acontecimentos desenhados pela tradição popular. Nesse estudo, as imagens do passado já não se configuram em mudanças significativas, valendo-se mais pela vitalidade narrativa, de modo que o Autor se alimenta dessa memória que é, sempre, uma visão histórico-social.

O texto de Ademar Vidal pode ser considerado uma longa crônica, bem informada, do domínio do homem branco, proprietário e do negro, propriedade. Em muitos pontos o Autor organiza e relaciona informações, ligando documentos oficiais e depoimentos, com efeito, cria, imagina e fabula sobre o negro escravo na Paraíba, pois faz parte da sua estratégia não apenas a utilização de documentos, mas também da evidência oral. Segundo Paul Thompson (1992: 327), a história oral “pode revelar a verdade que está por trás do

¹ Doutoranda do programa de pós-graduação em Letras. Universidade Federal da Paraíba

registro oficial [...] propiciando pistas essenciais para a interpretação verdadeira”. Este estilo de usar a escrita como apoio da memória oral permite, como mostra Maria Ignez N. Ayala, a seguinte avaliação:

Aqueles que participam do universo da cultura popular têm consciência de que a escrita é um poderoso instrumento e que pode servir para guardar o oral do esquecimento. Pode parecer paradoxal mas neste caso a escrita é posta a serviço da oralidade (Ayala, 2003: 115).

Ao refletir sobre a relação entre o homem branco e o negro cativo, Ademar Vidal, caracterizando-a como de “total perversidade”, vai procurar compreender através da história do negro escravo, a luta social, o seu imaginário e a percepção do mundo dos brancos, numa perspectiva de análise sócio-antropológica. Sem dúvida, as reflexões do Autor contribuem de forma significativa para a compreensão de uma realidade vivenciada pelo negro escravo. As imagens e as descrições expressas em sua obra sugerem o reconhecimento de uma memória popular como produto da ação e do pensamento de determinados indivíduos, o que nos leva a pensar numa coletividade, isto é, numa totalidade préconcebida.

Ao se ter como objeto de estudo a narrativa de Ademar Vidal sobre o negro escravo na Paraíba, uma questão está posta: por onde começar? Um primeiro ponto é buscar uma aproximação com a cultura popular, pois faz parte dessa estratégia a utilização da memória, constituída em torno das pessoas. A cultura popular, segundo Thompson (idem), lança a vida para dentro da própria história e isso alarga o campo de ação. Como observa Ayala (op. cit, p. 95), a cultura popular “é um fazer dentro da vida. Justamente porque é um fazer dentro da vida, fica na memória dos contadores de histórias e de seus ouvintes”.

Buscar histórias entre as pessoas para depois recontá-las foi sempre uma marca das obras de Ademar Vidal, principalmente no acolhimento a uma crença popular e subalternizada na qual o mundo do negro escravo é bastante enfatizado, reconhecendo sua importância histórica. Da relação entre senhores e escravos podem-se avivar os episódios, neles há pontos que se cruzam permitindo a confluência de imaginários e manifestações simbólicas de práticas culturais. Temos afirmado que o modo como Ademar Vidal se nutre da tradição popular nordestina, inventada, é que faz crescer sua narrativa. Ele busca nos documentos oficiais e na história oral a memória popular como elemento capaz de amalgamar o presente ao passado, este por sua vez orienta a consciência presente.

Contraponto temático

A origem das narrativas e a sua permanência e transmissão ao longo do tempo sustentam-se, em grande parte, numa relação que une vida às histórias. Essas permanecem no mundo pela tradição oral e podem ser o testemunho de alguém que presenciou um modo de ser que já não existe, mas que existiu outrora, pois tudo o que existe como história, foi, um dia, acontecimento, tudo que existe hoje como acontecimento poderá, no amanhã, sobreviver como relato. A aproximação de Ademar Vidal com os narradores populares o ajudou a reunir histórias: havia, da sua parte, um grande interesse por histórias de negros cativos, principalmente histórias das lendas de servo africano; havia também interesse pelas

narrativas na Paraíba. Assim ele foi convivendo com a fragmentação aparente com que se cristaliza e com que se constrói a substância viva da produção popular.

Ademar Vidal compreende que as narrações populares hesitam entre o real e o imaginário. Sob essa noção, colocando-se como intérprete fiel a uma tradição e aos seus valores relata:

A nossa história poderia estar recheada de fatos hediondos, os sofrimentos mais terríveis. Não houve quem ainda os catalogasse. Sabe-se, porém, porque **vive na memória dos mais velhos**, (grifo meu) que, entre outras formas estranhas de castigo, os escravos eram cortados a navalha e nos talhos abertos se botavam sal com vinagre; ou, os bois lambiam-lhes o corpo, fazendo-lhes cócegas tremendas; ou ainda eram postos sobre formigueiros de saúva [...]. Só um motivo alto poderia evitar tamanhas vinganças de morte este alto motivo era o dinheiro: a verdade a bom preço dos pobres martirizados (VIDAL, 1934: 121).

É visível a sua repugnância ao tratamento dedicado ao servo africano e com acentuada indignação escreve:

A Carta Régia de 7 de março de 1741 determinou a execução do Alvará de três do mesmo mês que mandou marcar a fogo, com a letra F e corte de uma orelha na reincidência ao negro cativo que fosse preso em Quilombo. **A tradição popular** diz que muito escravo da Paraíba fugiu para o aldeamento dos Palmares. Quando saía do Sertão o negro procurava localizar-se de modo inexplicado na região do Juazeiro. Na cidade de Areia **chegamos a ouvir** (grifo meu) de respeitáveis pessoas referências àqueles dois pontos. Não pudemos, entretanto, obter nenhum documento, nem mesmo qualquer nota na história paraibana. O que todos afirmam é que os cativos só fugiam por causa dos maus tratos (VIDAL, 1934: 110-11).

Essas evidências levam a crer que a tradição, ao se servir dos hábitos da época, traduz-se numa autoridade superior a que se deve obedecer. Para garantir a obediência a esses preceitos, a tradição não hesita em provocar o medo nos indivíduos. Entretanto, esse nível civilizador seria muito mais digno se outras fossem as condições orientadoras da política adotada pelo reino.

O exame das obras de alguns autores nos leva a perceber a difícil e árdua luta do negro pela destruição do preconceito de raça e de cor, a exemplo do poeta simbolista Cruz e Sousa, filho de escravos, que buscava traduzir a revolta do inconquistado e os estereótipos que pesavam sobre o negro. Quando se lê a sua prosa da “Dor negra”, que compõe o livro das *Evocações*, sente-se o impulso do amargor, da revolta, do desespero ecoar nas suas palavras; palavras que colocam o poeta no limiar da maldição sofrida pelo descendente de africanos. Veja-se:

“[...] que existência é esta, que as pedras rejeitam
Dor inconcebível,
Dor que de tanto ser Dor
perdeu já a visão [...]”
(Cruz e Sousa, 1961: 525).

É sobretudo na análise do movimento abolicionista que Ademar Vidal delinea com mais ênfase os contornos da escravidão na Paraíba. Movimento que poderia pôr fim a “perversidade do cativo”, que se soma a outros infortúnios cuja origem se esvai no tempo. Para Ademar Vidal, a abolição vinha devagarinho para não difundir perturbações nas massas dos oprimidos, para não modificar tão rapidamente o aspecto dos quadros sociais de trabalho rotineiro e secular, donde cada província realizaria a emancipação de acordo com seus interesses peculiares, mais ou menos lentamente, na substituição do trabalho escravo pelo livre. A abolição, quando veio, modificou logo o ambiente geral:

No sertão os escravos [...] já estavam tomando gosto no cangaço. Na Várzea e no Brejo dedicavam à lavoura nos seus variados aspectos. Tinham, porém, o seu trabalho intensivo, principalmente nas regiões de cana de açúcar. Enfrentavam serviço de mouro [...]. Por breve que fosse o repouso que fizessem, achavam logo um jeito de improvisar cantigas com batuques. Às vezes não cantarolavam, era batuque só [...]. As horas de folga transcorriam assim, improvisando-se concertos ou contando histórias, a qualquer propósito, uma história de trancoso (VIDAL, 1934: 150).

A idéia da libertação, conforme Ademar Vidal, representava para muitos escravos um caminho doloroso no sentido de abandonar a vida que viviam. Ir para onde? Fazer o quê? Mas, a verdade é que um dia, viria a abolição. Eis que ela chegou e os cativos agora experimentam o bálsamo da resignação. Realmente o servo africano não sabia o que fazer com a chamada libertação, que na expressão de Cruz e Sousa não passa de nome falso e mascarado de uma ridícula e rota liberdade. Os cativos foram domesticados o suficiente para não reconhecer a desigualdade que saltava entre o hábito do cativo e a liberdade. Como pontua Ademar Vidal, o certo é que o grande contingente dos trabalhadores oprimidos teria preferido não abandonar o calor das Casas de Engenho, habituados ao aconchego da senzala suja, sombria. Reforça o Autor que muitos escravos realmente não quiseram trocar de existência podendo considerar-se como notável o total daqueles que deixaram o meio, na ânsia de livrar-se do jugo opressivo. Isso determinou modificação profunda nos hábitos de trabalho, refletindo-se, fortemente, na sociedade, a princípio como força escrava, depois como elemento independente e consistente da sua força, em pé de igualdade com as demais correntes da população.

De modo particular, os escravos negros elaboraram meios próprios para persistirem à condição de oprimidos. O suicídio era um desses meios, fonte de decisões individuais desesperadas para escapar do cativo. Como relata Ademar Vidal, muitos negros, quando queriam executar o seu melancólico intuito fugiam e se embrenhavam pela capoeira adentro, enforcando-se em galhos de árvore. A história aponta não apenas estratégias individuais, como também decisões coletivas nas quais os cativos adquiriam força e ousadia, apelando para as insurreições urbanas e os quilombos. Palmares foi o

quilombo mais importante, abaixo dele numerosos outros se constituíram pelo Nordeste. Na Paraíba, a resistência que os escravos faziam era fantástica e dela tem-se notícia viva no ataque do quilombo denominado Cumbe, hoje Usina Santa Rita.

Sabe-se que as leis encontram-se misturadas aos costumes e estes são indispensáveis para a organização de vida coletiva. Quando os costumes se preservam por muito tempo é porque a tradição outorga-lhes autoridade e constância. Conforme Eric Hobsbawm (1984: 9), “muitas vezes, tradições que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas”. A tradição inventada refere-se a um conjunto de práticas que visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica na continuidade em relação a um passado histórico.

No sentido do texto de Ademar Vidal, na medida em que o Autor faz referência a um passado historicamente situado, recuperando documentos oficiais significativos do negro escravo na Paraíba, aqui importados durante mais de três séculos, podemos notar a presença tanto da tradição que se caracterizou pela “invariabilidade”, como do costume que “não pode se dar ao luxo de ser invariável” porque há um comprometimento formal com o passado. Nesse aspecto, a diferença entre tradição e costume fica bem nítida. Hobsbawm, ao diferenciar costume e tradição, aponta que costume é o que fazem os senhores e tradição no caso da tradição inventada, são os acessórios e rituais formais que cercam a ação dos Senhores.

Pode-se dizer que no limite da sobrevivência física, os cativos acabam por desenvolver estratégias defensivas. Os senhores, por sua vez, dispõem de uma legislação que torna legal a sua ação. São os costumes consolidados que dão poder e força aos senhores. Ao negro escravo, segundo Patrícia Birman (1985: 46), restam as suas crenças e práticas religiosas, “mandingas infalíveis para se defender da maldade dos senhores brancos”. Realça a Autora que em meio de insuficiente insistência não havia outro remédio para o servo africano senão recorrer às graças divinas, apelando para o conforto místico.

A utilização do poder místico pelo cativo oferecia a seqüência de que o homem branco, imagem ideal colocada no topo da ordem evolutiva, não tem o poder que possuem os subalternos. Esses grupos estruturalmente inferiores ganham por meio da inversão simbólica, um poder mágico inigualável. Na prática do misticismo, que na expressão dos antropólogos configura a forma dos dominados, os negros procuram amenizar a condição a que estão submetidos, mantendo uma tradição fixada nos tempos passados. Desse modo, a preservação da tradição se manifesta na sua forma de culto, bem como na transmissão oral do conhecimento. Essa transmissão se faz de pessoa para pessoa, o que privilegia a comunicação face a face da memória africana. É importante destacar que a tradição nunca é mantida integralmente, no entanto, as transformações são amparadas por uma tradição dominante, a da memória coletiva.

Este tipo de memória, conforme mostra Renato Ortiz, só pode existir enquanto vivência, isto é, enquanto prática que se manifesta no cotidiano das pessoas. Analisando os fenômenos folclóricos e relacionando-os à tradição, escreve Ortiz:

A tradição não se apresenta como proveniente de uma mesma fonte (a África para a memória dos cultos afro-brasileiros), mas se caracteriza pela sua pluralidade. A cultura popular é heterogênea, as diferentes manifestações folclóricas – reisados, congadas, etc – não partilham o mesmo traço em comum, tampouco se inserem no interior de um sistema único (...). A memória de um fato folclórico existe enquanto

tradição, e se encarna no grupo social que a suporta. (ORTIZ, 1985: 134)

Sem dúvida, Ademar Vidal assimilou a temática do negro escravo, o que lhe era facilitado pelas lembranças das histórias que ouvia quando criança, seguindo uma tendência melancólica e imaginativa. Ao mesmo tempo evidencia a preocupação da verdade histórica, tanto que *Três séculos de escravidão na Paraíba* estão impregnados de excursos e notas explicativas para testemunhar não só a veracidade dos acontecimentos como ainda a exatidão dos costumes e fatos descritos. Contudo, a inclinação para as raízes populares tem, provavelmente, motivo mais entranhado. A iniciativa romanceada dos quadros históricos revela sempre um sentido edificativo e envolve, muitas vezes, a discussão de um problema social de ordem política. É assim que procede a narrativa do escritor paraibano.

No fremente episódio do major Ursulino, por exemplo, que serve de enredo a *Três séculos de escravidão na Paraíba*, percebem-se os métodos perversos de tratamento com a pessoa humana: “Assim é que quando se queria ameaçar um negro bastava dizer que ele ia ser vendido ao major Ursulino, homem tirano para a escravaria”. No entrecho, pode-se compreender que a partir do momento em que o cativo não chega a rebelar-se contra essa situação, uma vez que o sentimento de medo chegando em nível de pavor foi nele inculcado, sente-se impotente para reagir. Esse sentimento de medo está intimamente ligado ao de impotência. Diz Ademar:

Conta-se que a sua maldade chegava ao limite de pregar na parede, e pelas orelhas, os escravos, e depois chamá-los. Fazia essa malvadeza com evidente sadismo, rindo-se e prometendo novos, tremendos castigos os quais punha sempre em prática. Daquele modo o escravo quando chamado tinha de movimentar-se. Tinha de ir em procura do major Ursulino aonde ele estivesse. **A crescentam os mais antigos** (grifo meu) que muito pedaço de orelha ficou agarrado na taipa do seu engenho (VIDAL, 1934: 121).

As histórias que Ademar Vidal relata, embora sofram refrações da memória podem guardar aquilo que a sensibilidade de um povo foi acumulando pelos séculos e o que surge ao longo desses registros, onde o desvario do detalhe leva a mais abrangente simbologia, é a atitude consciente acompanhada do tom encantatório próprio das fábulas e dos contos populares. No episódio do major Ursulino, que enquanto personagem responde à tradição, o elemento de sustentação é, sem dúvida, o arquétipo lendário que fortalece o medo. Todavia, a difusão do medo de desobedecer quando se trata daqueles que não se deixam facilmente subjugar pelas ameaças, esses meios não seriam suficientes para levar os cativos à obediência total, sendo necessário servir-se de elementos mais agudos na arte de punição, e o tronco, como destaca Ademar Vidal, teve a sua ação e imagem como determinante de crimes ferozes.

Há muito caso romântico digno de ser contado, diz Ademar Vidal. Casos que aconteceram realmente ou apenas existem na imaginação do Autor são contados por ele, naquela linguagem pitoresca dos bons contadores de história, a exemplo dessa narrativa:

Quem vai para Cabaceiras ou São João do Cariri olhando-se à esquerda, logo se avista no alto um grupo de pedras brancas riscadas

de preto. Parecem à fantasia ruínas dum castelo feudal (...). Aquele grupo de pedras brancas e negras, um tanto parecidas com o dorso de vacas turinas, tem a sua história, tem o seu caso. A pedra da Mônica é a denominação daquele grupo de rochas brancas riscadas a negro. Mônica foi uma preta escrava que fugira por muito apanhar do seu amo, indo refugiar-se ali dentro de uma gruta (VIDAL, 1934: 129).

Pedra da Mônica, um topos animado por forças imaginárias e/ou reais que atravessam a memória popular como portadora de uma mensagem significativa. Ali, como descreve Ademar Vidal, o lugar é tomado como uma síntese de relações, imagens, valores e lendas que marcaram o vivido de uma coletividade. Acredita-se que nesses topos mítico, as idéias, mais do que fontes, se afirmam como crença que se constrói sobre imagens e com imagens, uma espécie de mito que teria permanecido durante longo tempo inatingível. Este mito, aos olhos de Ademar Vidal, estaria centrado num certo arquétipo da região dos Cariris no estado da Paraíba. Mito que oferece uma visão dos elementos que constituem a cultura de um povo; mito que reforça a tradição nordestina.

Esse “caso romântico”, como denomina Ademar Vidal, produz um certo sentido soberano e legítimo dos acontecimentos, porém suscita outras histórias permitindo novos lugares de criação e de imaginação sobre o tema do negro escravo na Paraíba. É importante destacar que no texto do Autor a recuperação do imaginário social, cultural e histórico acaba refletindo processos de entendimento e de fabulação de crenças. Não há dúvida, o universo representado pelas narrativas de Ademar Vidal, elaboradas dentro de um campo literário, ou seja, um campo de referências simbólico, aparentemente insignificante, porém sugere uma gama de significados que se complementam, guiando o leitor na busca da mensagem que está por trás das palavras. Nela, corre um fio invisível que liga uma história a outra, especialmente pela articulação dos costumes. Assim que, tecendo palavras, o Autor pede passagem às memórias populares para contar suas histórias. Histórias de encantamentos. Histórias monumentais.

REFERÊNCIAS

- AYALA, Maria Ignez N. Aprendendo a aprender a cultura popular In **Pesquisa em literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2003 (Col. Linguagem e Ensino).
- BIRMAN, Patrícia. **O que é umbanda**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- CRUZ E SOUSA. **Obra completa**. Org. Andrade Muricy. Rio de Janeiro: Aguilar, 1961,
- HOBSBAWM, Eric. “Introdução: a invenção das tradições” In HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence (Org.) **A invenção das tradições**. Trad. Celina J. Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984 (Pensamento Crítico, v. 55).
- ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VIDAL, Ademar. **Três séculos de escravidão na Paraíba**. PRIMEIRO CONGRESSO AFRO-BRASILEIRO realizado no Recife. Recife, PE, 1934. v. 9 (Org.) Gilberto Freyre).